



*Infraestrutura de EaD para apoio
a cursos presenciais*

Prof. ^a Dra. Christine da Silva Schröder
ICEAC/SEaD/FURG
christine1004sch@gmail.com

Perspectivas de análise: EAD e mudança



Perspectivas de análise: EAD e mudança

- valores (acesso, conceito da EAD, qualidade da proposta de ensino-aprendizagem)
- conteúdo (conteúdo do conhecimento a partir da EAD e sobre EAD)
- **tecnologia (processo e ferramental-instrumental)**
- gestão (papéis, poder-atribuições, autonomia e responsabilidades- e estratégia)
- institucionalização (comunicação, oportunidades e iniciativas)
- interação (cultura, posturas, dimensões e níveis de relação)



Infraestrutura
tecnológica de
EAD como apoio
aos cursos
presenciais

Infraestrutura tecnológica de EAD como apoio aos cursos presenciais

Todos os aspectos estruturais (bem como suas escolhas) devem ser decorrência de um processo de planejamento e gestão da EAD, e dos valores que se deseja compartilhar por meio de interações e, assim, institucionalizar.

Infraestrutura tecnológica de EAD como apoio aos cursos presenciais

Dicotomia “presencial x virtual” deve ser combatida

Atualmente os “modelos” se complementam, e sugerem mudanças para o aprender e para o ensinar – e mesmo para gerir os processos

A infraestrutura não deve “engessar” os processos, mas, sim, possibilitar o aumento e a qualidade das interações em diferentes níveis

É imprescindível se pensar em “infraestrutura” como conjunto de elementos decorrentes de escolhas por meio de um processo de gestão, e não apenas como um AVA (embora este possa ser considerado o elemento “central”)

Infraestrutura tecnológica de EAD como apoio aos cursos presenciais

Centrada na questão da escolha do AVA, ou plataforma, como consequência do processo pedagógico (e de gestão) que se pretende implementar

Precisa ser repensada a necessidade (e possibilidade) de se valorizar AVAs desenvolvidos institucionalmente/localmente, mais adaptados às especificidades e necessidades dos cursos

Infraestrutura tecnológica de EAD como apoio aos cursos presenciais

Pode, então, contemplar elementos como:

- Locais de acesso para docentes e discentes (laboratórios)
 - Hardware e software
 - Pessoal e estrutura de suporte ao sistema
- Pessoal e estrutura de suporte ao usuário (aluno, tutor, professor, gestores de curso e demais atores envolvidos)
 - Formação continuada de docentes para a “transição” EAD-presencial-EAD, em aspectos como: organização das aulas, desenvolvimento do material didático, potencialidades e dificuldades no uso dos recursos
- Avaliação da necessidade da disciplina de Alfabetização Digital, se o uso dos recursos for “prolongado”

Desafios para o uso de recursos da EAD na educação presencial



Desafios para o uso de recursos da EAD na educação presencial

Gerenciar aspectos da cultura institucional por meio da conscientização e da valorização da proposta da EAD

Possibilitar a interface com redes sociais, com ambientes como Second Life, sites como You Tube e outros recursos externos

Valorizar as plataformas desenvolvidas e “customizáveis” localmente, ou nas instituições – isto requer comprometimento com a EAD e com as questões de suporte, do início ao fim – avaliar custos, potencialidades e implicações desta decisão

Desafios para o uso de recursos da EAD na educação presencial

Gerenciar as dificuldades para o acesso a internet rápida, na estrutura provida pelos cursos ou no acesso externo por parte dos alunos

Gerenciar a questão do elevado nível de exigências de hardware, tanto em equipamentos mantidos pela instituição, quanto analisando como e onde os alunos utilizarão os computadores

Gerenciar a longa curva de aprendizado (para diferentes usuários) para utilização das ferramentas (ainda que seja m apenas utilizadas como “apoio”)

Gerenciar a necessidade de aperfeiçoamento para criação de objetos de aprendizagem



Requisitos
para os
diferentes
atores

Requisitos para desenvolvedores e gestores

Identificar as características do ambiente de aprendizado que oferecem ou eliminam certos recursos

Identificar os fatores econômicos (inclusive dos usuários) ou organizacionais que podem afetar a viabilidade da utilização de certos recursos (adaptado de MOORE; KEARSLEY, 2007)

Ter em mente, na concepção e escolha, critérios como a amigabilidade da interface do recurso e a facilidade de acesso

Discutir a utilização dos recursos com os professores e tutores, enfatizando a importância da escolha adequada

Requisitos para professores (e tutores, monitores)

Identificar os atributos dos recursos exigidos pelos objetos de instrução ou pelas atividades de aprendizado

Identificar as características dos alunos que sugerem ou eliminam certos recursos
(adaptado de MOORE; KEARSLEY, 2007)

Compreender a necessidade de prévia capacitação para uso adequado do recurso, previamente à própria capacitação dos alunos

Compreender a necessidade de concepção e uso dos recursos dentro de um contexto de avaliação formativa, de “aprender com os erros” e de obtenção de feedback rápido e adequado dos professores, tutores e colegas (SPODICK, 1995)

Planejar as aulas de forma a minimizar a possibilidade de sobreposição de eventos de aprendizagem

Requisitos para alun@s

Normalmente é necessária habilidade prévia com recursos informáticos, bem como dispor adequadamente de tais recursos

É necessária uma predisposição para a utilização de diferentes recursos – e essa predisposição varia com o perfil do aluno e sua predisposição ao processo de aprendizagem em si

É preciso que o aluno desenvolva, concomitantemente, uma postura ativa, autônoma e colaborativa (o que parece bem “contraditório” com relação ao nosso atual modelo educacional presencial)



Experiências na FURG e na UFRGS

Experiências na FURG (Moodle) e UFRGS (Plataforma NAVi)

- estrutura que “reflete” a concepção pedagógica e de gestão dos cursos que se pretende adotar: será que as instituições pensam nisto?
- Principais características da Plataforma NAVi (desenvolvida na EA/UFRGS): flexibilidade do quadro de navegação, enfoque sistêmico, possibilidade de uso de recursos externos, não-linearidade, adaptabilidade de cada nível
- experiência positiva em vários cursos da UFRGS, TJMT, TJRS e REDESAN
 - hoje é uma das plataformas recomendadas pelo MEC

Experiências na FURG (Moodle) e UFRGS (Plataforma NAVi)

Maiores informações sobre a Plataforma NAVi
no site do Grupo de Pesquisa:

<http://navi.ea.ufrgs.br>

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=01926020X5EQZ7>

lrkling@via-rs.net

christine1004sch@gmail.com

Considerações finais

Os recursos devem ser escolhidos de acordo com os objetivos de aprendizagem

O modo como um recurso de comunicação é utilizado se torna mais importante do que quais tecnologias específicas são selecionadas

O problema dos projetos de curso propostos [por exemplo] para a graduação, sejam presenciais, sejam a distância, é que o foco continua sendo o mesmo, isto é, cria-se, desenvolve-se e valoriza-se uma hierarquia entre professores e alunos, entre o possível “detentor” do conhecimento e seu receptor, o ativo e o passivo, o ator e o espectador, o desenvolvedor e o usuário, o professor e o aluno, e, assim, a construção coletiva do conhecimento segue prejudicada

Considerações finais

Nenhuma tecnologia isoladamente tem possibilidade de atender a todos os requisitos de ensino e aprendizado de todo um curso ou programa completo, satisfazer as necessidades dos diferentes alunos ou atender às variações em seus ambientes de aprendizado. Alguns alunos preferem o estilo de pensamento reflexivo associado ao texto impresso, ao passo que outros se adaptam bem ao diálogo ao vivo e dinâmico em uma teleconferência.

Consequentemente, quanto mais recursos são oferecidos, mais o curso a distância tem possibilidade de ser eficaz para uma faixa mais ampla de alunos. Isto proporciona disponibilidade e flexibilidade. Caso ocorra um problema com a utilização de uma tecnologia, o uso da outra pode compensar esta deficiência (MOORE; KEARSLEY, 2007).

Criar a possibilidade da sala de aula interativa [de fato] significa modificar a gestão das instituições de ensino, todo um sistema de ensino, e não apenas o que acontece em uma sala de aula. Superar o modelo fordista em EAD. Um sistema em que impera a 'alienação' do professor em relação ao produto e processo de trabalho, e do aluno em relação ao conteúdo e ao método de aprendizagem. Aqui está o maior impedimento à interatividade (SILVA, 2006, p.75-76)."

Referências

MAIA, Carmem; MATTAR, João. ABC da EAD: a educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MATTAR, João. Interatividade e aprendizagem. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Manuel M. M. (Orgs.). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 112-120.

MOORE, Michael G. ; KEARSLEY, Greg. Educação a distância: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SCHRÖEDER, Christine S. Educação a distância e mudança organizacional na Escola de Administração da UFRGS: uma teoria substantiva. Tese (Doutorado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGA/UFRGS, 2009.

SILVA, Marco. Sala de aula interativa. 4.ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

SPODICK, Edward F. The evolution of distance learning. [S. l.]: Hong Kong University of Science & Technology, 1995. Disponível em: <<http://sqzm14.ust.hk/distance>>. Acesso em: 13. jan. 2004.